

Inibição, Sintoma e Angústia, e o Desejo do Analista

Alberto Philippi May

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

O Analista é aquele que minimamente, não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente, nesse a irredutível, para oferecer à questão do conceito de angústia, uma garantia real.

Lacan, 2005, Seminário 10.

Resumo

Neste texto, o autor discorre sobre a inibição, sintoma e angústia, para poder situar essas três dimensões da clínica, que Lacan articula com os registros do imaginário, do simbólico e real. Dessa forma, pode-se situar cada uma delas e estabelecer o lugar e seus efeitos para o sujeito analisante, enquanto maneira de lidar com o desejo, possibilitando que o psicanalista, sustentado pela transferência, possa através do sinal que a angústia traz, buscar uma direção para o sujeito e seu desejo.

Abstract

In this text, the author writes about inhibition, symptom and anguish, in order to place these three dimensions of the clinic, which Lacan articulates with the registers of the imaginary, symbolic and real. Therefore, you can place and establish each one of them and their effects on the patient, as a way to deal with the desire, allowing the psychoanalyst, supported by transference, and through the signal brought by the anguish, to reach for a direction for the subject and his desire.

Inibição, sintoma e angústia é algo que encontramos sempre em nossa experiência clínica. Nossos pacientes e analisantes, apresentam de forma particular e mesmo singular as variações dessas três formas de lidar com o Outro em suas existências. Essas são três formas, de acordo com Lacan, de não querer saber acerca do desejo, enquanto este é definido como desejo do Outro, como o desejo de ser causa desse desejo.

A inibição aparece como um tempo de detenção, em que o sujeito está bloqueado em uma tela imaginária. O sintoma aparece como um tempo de interrupção, em que o sujeito está detido por algo que se impõe a ele. Já a angústia surge como um tempo em que o sujeito sente algo como a ameaça de algo terrível. O pânico vem como já sendo a irrupção da angústia em toda sua intensidade, ou seja, quando as barreiras se rompem, já não sendo mais possível esperar. É aqui e agora, o pior se impõe.

Em seu texto de 1926, Freud nos fala dessas três possíveis maneiras do 'eu' se defender. D'isso, na maneira de não querer saber sobre o inconsciente. Esses três termos, inibição, sintoma e angústia, Lacan nos diz que não estão no mesmo nível.

Coloca a inibição como captura narcísica, sublinhando aí, a dimensão da detenção do movimento.

Como dizia Lacan no seminário 10 (1963), "a inibição é um sintoma posto no museu", dizendo que embora diferente do sintoma, uma inibição pode se tornar sintomática, ou seja, que chegue a poder ter incorporado algo de um estatuto do sintoma. Lacan situava a inibição como do campo do imaginário, o sintoma como do campo do simbólico e a angústia como real. Então, a nomeação do simbólico como sintoma, do imaginário como inibição, e a nomeação do real como angústia, é o que Lacan indicava no avançar de seu ensino no seminário 22, R.S.I..

Para Lacan, a inibição, o sintoma e a angústia são tão heterogêneos quanto imaginário, simbólico e real. Mas ao mesmo tempo, estão articulados

e apresentam homologias estruturais em suas respectivas conexões com os gozos que Lacan diferencia com a ajuda do nó borromeu. Lacan nos fala dessas questões quando nos explica que na inibição, a detenção do movimento no sentido maior do termo, é quando o eu se prende na direção da sua própria imagem especular. Essa é a armadilha.

Para Freud e Lacan, o crucial da inibição passa pelo narcisismo, próprio do campo imaginário, que aparece com diferentes graus de intensidade, no qual aparecem as questões do rival, do ser o melhor, do duplo e do semelhante, ligados a imagem ideal.

Freud escreve em seu texto, que uma inibição pode se tornar sintomática, referindo-se a inibição ao sintoma, onde o próprio sintoma pode adquirir valor de inibição. Mas para o Mestre De Viena, a diferença fundamental é que a inibição impede a realização de uma função, ao passo que o sintoma acarreta a modificação dessa função. Podemos exemplificar isso com o caso do pequeno Hans, para situar essa distinção: a angústia de ser mordido pelo cavalo é um sintoma. A incapacidade de sair a rua é uma inibição.

Poderíamos pensar então que a inibição é uma forma de evitar situações geradoras de angústia, uma estratégia do sujeito para não se confrontar com a angústia de castração. Vemos então que a inibição é um movimento de uma ação que fica impedida.

Freud, em seu texto de 1926, diz que “é possível considerar a inibição como sintoma, na medida em que ela encarrega o eu de mascarar para o sujeito, a angústia do seu desamparo.”. Na entrada em análise, o paciente trás seu sofrimento sintomático, suas inibições e sintomas. O analista, por sua vez, em sua escuta, pode ler como essas três formas estão entrelaçadas na dinâmica defensiva do sujeito; Que se inibe ou faz sintoma para evitar a angústia. Um movimento dessas manifestações mostra a questão crucial que as implica: O desejo. Assim, a inibição é o efeito do embaraço do sujeito, com um sentido particular que o amarra: O sexual. Ela está sempre referida ao corpo, o que quer dizer que resulta da invasão do imaginário no simbólico. Em Freud, a inibição está referida em uma certa impotência, ao não poder fazer, a uma perda de força e de potência. A inibição está sempre ligada ao corpo, ou seja, implica uma certa indisposição daquele que quer fazer algo com seu

corpo. Lacan diz que o que se acentua na inibição nesse momento e nesse lugar, é a intervenção de um desejo. Lacan nos diz que esta intervenção do desejo aparece como defesa. Então, se alguém não pode escrever, não é porque não tem ideias, mas porque a mão cansa sintomaticamente. É possível se pensar que nesse caso, se produz uma erogenização da mão e uma erotização da ação.

Quando alguém procura um analista, o que se pede a ele? Que compreenda seu sofrimento, e na medida do possível o alivie de sua inibição, angústia e sintoma. Freud se refere a esses três modos de expressão de defesa do sujeito, dizendo que algo aí não funciona.

Lacan dizia que no sintoma há algo que não anda, algo que manca. O sintoma, diz Lacan, não é um signo, não representa alguma coisa para alguém. O sintoma é um significante? É um andaime significante, no sentido de que ele representa o sujeito para outro significante. Uma cadeia significante é onde aparece o sintoma como um lugar de saber ignorado pelo sujeito, e que ao mesmo tempo o representa. O sujeito sabe que o sintoma lhe diz respeito, mas nem por isso ele sabe o que é. Essa relação muito particular de um sujeito a seu saber sobre si mesmo é o que Freud chama de sintoma.

Para Freud, o sintoma é sinal e substituto de uma satisfação pulsional recalcada. É a linguagem amordaçada. O sintoma falado, é o que faz a função de transformar um gozo proibido, em uma metáfora que tem o valor de um enigma a decifrar. O sintoma advém de uma resposta que o sujeito, sem saber o que responder, dá a essa questão do Outro, “O que queres?”. Na clínica é preciso que o analista faça uma escuta das modalidades de respostas, já que por sua vez, uma resposta pode ser inventada em direção ao enigma que é para o sujeito o Outro: “O que quer de mim?”.

Em seu texto de 1926, Inibição, Sintoma e Angústia, no segundo capítulo, Freud caracteriza o sintoma a partir do que ele chama de satisfação pulsional, como signo e substituto de uma satisfação pulsional que não aconteceu. No terceiro capítulo, ele explica, a partir da neurose obsessiva e da paranóia, essa questão, assinalando que o sintoma se apresenta a princípio como um corpo estranho em relação ao eu, e tenta fazer, cada vez mais, um com o eu, ou seja, tenta incorporar-se a ele. Freud via, assim, o

sintoma como processo do recalque.

Para Lacan, o sintoma vem no lugar de uma significação recalçada. O sintoma tem que ser interpretado, e assim pode ser reabsorvido, transmitindo seu sentido por ação da cadeia significante em que consiste a interpretação. O sintoma dá o sentido, sentido esse que interessa para a psicanálise e que é a direção que o sintoma aponta, e não o sentido dado por uma explicação - dar sentido. O que interessa é o efeito de sentido - quando algo se desamarra na repetição sintomática. Se a inibição sintomática e seu sofrimento pode levar alguém a procurar um analista, a entrada propriamente dita irá requerer um passo a mais: A saber, a construção de um sintoma analítico, sendo esse sintoma coerente com o que Freud denominou como neurose de transferência, é dizer, um sintoma que permite o endereçamento ao analista sobre seu ser de sujeito. Para isso é necessário supor um saber. A própria psicanálise seria a condição fundamental para a escolha de um psicanalista qualquer.

Se é no campo do real que surge o sintoma, como diz Lacan, vemos que o sintoma é aquilo que não vai, aquilo que claudica. É como função de significante que se enuncia o sintoma, situando assim o efeito do particular, do simbólico no real. O sintoma constitui, portanto, essa anomalia no campo do real, onde insiste o gozo. Relação essa com esse gozo de que o sujeito se queixa, mas não o reconhece. Lacan dizia que onde o sujeito mais se queixa é onde ele mais goza. É seu ponto de maior envolvimento.

Angústia

Lacan sempre reservou um lugar privilegiado para a experiência analítica: A angústia. Justamente o afeto que não engana, aquele que de fato é sinal do real. O afeto por meio do qual o *fallasser* de um discurso, se localiza como objeto que não tem nome. O objeto resíduo da relação do vivente com a linguagem, que testemunha sua singular inadequação ao mundo: *O objeto a*. Ao fazer da angústia um afeto e não uma emoção, Lacan aponta outra coisa: O das relações do sujeito, não com o mundo, mas com o Outro, e pelo gozo causado pelo significante.

Ao contrário do sintoma que é solução de compromisso, a angústia é testemunha da divisão que caracteriza uma subjetividade. Uma das formas de definir a angústia é como uma presença que escapa a qualquer saber, o

sujeito do desejo que ocupa Lacan ao circunscrever a angústia como o afeto sinal do desejo do Outro. Manifestando-se como o que escapa, o que não cessa de não se escrever, tanto a palavra, quanto a imagem. A angústia, vai precisar Lacan, insere-se entre desejo e gozo. É, portanto, o sinal da divisão entre gozo e desejo. O que vai produzir a divisão do sujeito, diz Lacan, é o significante, recebido do Outro, de quem depende totalmente para começar a nascer como o sujeito do desejo. Ao atribuir a castração ao significante, Lacan redimensiona de maneira inédita a relação do desejo com a lei. O que o significante transmite é a castração, quer dizer, a falta de um objeto. De outro lado, será o Outro, portador do significante, que atestará o corte necessário à constituição do sujeito barrado numa operação de alienação, que este se esforça para desfazer. A angústia encontraria aí sua origem. A função angustiante do desejo do Outro está no fato de eu não saber qual objeto sou para o Outro.

Para Lacan, a angústia resultaria menos de uma ressurgência traumática que de uma vacilação de uma estrutura psíquica, no sentido de que esta tenderia a se apropriar de momentos regressivos de sua formação, quer se pense na alucinação dos lobos, ou ainda na experiência da imagem do duplo que Freud aborda em seu texto *O infamiliar* (Unheimlich). Ou seja, é sempre nos confins do real que surge a ameaça, aquela que aponta o perigo do retorno ao caos, evocada de outra maneira pelo retorno ao seio materno, presente no dizer de Freud ao estabelecer em seu texto as suas cinco proto fantasias.

Angústia de Futuro

Angústia de futuro é uma angústia intensa, ela aparece produzida por uma imagem, um pensamento ou um pressentimento obscuro e vago de que amanhã vai acontecer algo ruim. Essa angústia é despertada por uma ameaça, um perigo que vai irromper e do qual é impossível sustentar ou dar conta. Essa angústia é semelhante à angústia do fóbico, mas ela pode também aparecer nas pessoas não-fóbicas, mas que sentem essa angústia invasora que pode produzir, por sua vez, atos ou um agir para arrancar dela sua certeza.

Lacan chamava de *acting out*, ou passagem ao ato, a maneira de responder a esse enorme desamparo que a experiência da angústia

presentifica.

Freud, em seu texto de 1926, nos fala de medo, espanto e angústia, para diferenciá-los. O medo é um receio de um objeto preciso - ter medo de aranha - ou barata -

ou do cavalo do pequeno Hans. Já o espanto é a paralisia, o não poder pensar. O espanto é o choque, a anestesia da cabeça e do corpo. O impacto traumático provoca o choque, esse estado de espanto, de uma perplexidade paralizante. Ele é o primeiro efeito da experiência traumática, o encontro com o real impossível de dizer, de nominar. Angústia, diz Lacan, não é sem objeto, então poderíamos dizer que é um objeto que não é, já que ele pode ser tudo ou o todo, que tampa, por sua vez, a possibilidade do desejo, é quando a falta vem a faltar.

A angústia pode estar ligada à perda do amor, à perda da integridade do corpo, ou a ter uma enfermidade grave. Quando Lacan fala que a angústia é a falta da falta, é porque tudo pode ser e tudo pode acontecer, porque nos vem nesse imaginário, o pior. Segundo Lacan, a angústia não é ligada a um objeto preciso e palpável, mas a todo o objeto imaginado, no sentido de que se é tudo, o pior virá..

Como a angústia funciona ou se expressa nas diferentes estruturas clínicas? Se pensarmos como Freud e Lacan, veremos que na histeria, a angústia é a de não ser amado, ou de não ser jamais amado, ou de não conseguir nunca a felicidade que se imagina de ser amado. Na histeria, a angústia está ligada à possibilidade de perder o amor do Outro.

Na neurose obsessiva, a angústia é a de não ter sido reconhecido, ou ainda, que haja reprovação. Na neurose obsessiva a angústia está ligada à possibilidade de deixar de ter valor para o Outro, de existir para o Outro. Se na histeria se tem o amor, tem-se o medo de perdê-lo, de não ser mais nada para o Outro. Na neurose obsessiva, a angústia é a possibilidade de nunca obter o amor e de não ser amado, jamais. Na fobia, a angústia é de dependência, quer dizer, de que o outro me deixe ou ao contrário, que o outro me sufoque. Em outras palavras, é a angústia de que o outro vá embora ou que o outro fique e me afogue.

A angústia, então, desde Freud, pode ser pensada como um acontecimento que perturba e deixa um traço duradouro e intenso que atinge

o corpo, deixando marcas. O corpo é afetado por esses efeitos que não produzem sentido, mas indicam o real que excede. A angústia é a sensação do desejo do outro, a tradução subjetiva da presença do objeto. Significa que não existe angústia sem desejo, e que a angústia é uma relação com o desejo, as vezes a única que se consegue ter, por isso preservamos tanto a dimensão da angústia, moderando-a.

A angústia nos mostra que algo de nosso desejo está ali presente, tornando o sujeito mais alerta. Lacan justamente situa a angústia entre o gozo e o desejo, ela tem uma face que se dirige ao gozo e outra que se abre ao desejo. Ela é um afeto e como tal não se reprime, mas se desloca, se elabora, porque os significantes que são por sua vez recalcados, são os que mantêm ela mais ou menos amarrada. Podemos pensar que esse afeto emerge de uma cadeia significativa que o produz como efeito da palavra.

A angústia é o efeito da impossibilidade do desejo com a palavra, impossibilidade escrita como objeto a. O lugar da angústia é o mesmo do fantasma ou da fantasia, no grafo do desejo. Se o fantasma sustenta o sentido do desejo, ele o protege, velando a angústia, se falha, ela aparece. No fantasma, do que se trata, é a relação com o Outro, com o qual quero descobrir qual é meu objeto de desejo.

Lacan dizia que no campo da angústia há uma estrutura, ela se manifesta, mas enquadrada em uma cena, dentro da cena, uma janela onde ela emerge. Assim, para Lacan, a angústia não é sinal de uma falta, mas a manifestação para o sujeito dessa falta, desse apoio, que a falta é, como causa de desejo.

Lacan explica a angústia, utilizando-se de três pontos, (o gozo, a demanda e o desejo), com predominância da dimensão da relação com o Outro, então, para ele, angústia é aquilo que não engana, é o pressentimento, é a causa da dúvida, e é também o que nos deixa desamparados em relação ao outro. Sem nenhuma palavra, fora da simbolização.

Pensarmos sobre angústia é reabordar uma inquietude que podemos encontrar nos textos de Soren Kierkegaard, o conceito de angústia, onde ele traz a idéia da angústia como um efeito no ser, que se dá entre a separação inexorável entre o divino, o infinito e nossa simples finitude.

Em seu livro, Kierkegaard traz uma frase especialmente forte, “A

angústia surge quando nossa liberdade se apresenta como possível, mas nada nos assegura" (Kierkegaard, Conceito de Angústia, 1972, pág. 43).

Com Freud e Lacan, quando falamos da angústia, nos referimos a ela como sinal, sinal de quê? De algo que emerge e se dirige ao sujeito, para alertá-lo. Poderemos dizer assim, estás aí como objeto do desejo do outro. Nesse momento em que a angústia emerge, o sujeito, num pressentimento, vislumbra o umbral que poderia passar, passar para onde? Desse lugar de objeto, de desejo do outro, de gozo do outro, para um outro lugar que é avançar em direção ao seu próprio desejo, então, podemos ver aí, que a angústia é sinal, ela aponta uma possível direção, que é aquela que permite uma orientação, que pode dar sustentação ao sujeito do desejo.

A psicanálise, desde Freud, é uma experiência original, nos diz Lacan, e no início dela está a transferência analítica, e ela está lá, como resultado da produção de uma estrutura discursiva e linguageira, que dá um lugar ao sujeito, o analisante, assim como dá lugar, por efeito, ao sujeito suposto saber. Dessa forma estamos no trabalho do inconsciente. Trabalho (arbeit), que enoda inibição, sintoma e angústia, que se articulam a partir da fala e do discurso do analisante, que se endereça a um Outro, o analista, esse com seu desejo de analista, é que vai sustentar a transferência, em seu manejo, cujo efeito é possibilitar o percurso e o movimento da análise.

O psicanalista, a partir de seu desejo e de sua escuta, vai produzir intervenções, a partir das enunciações que surgem e que por sua vez podem produzir um corte, uma fenda, de um interdito daquilo que é e que não é da ordem do recalcado, e que por isso mesmo, pode tocar no nó do real simbólico imaginário, cuja manifestação na clínica se expressa através de inibição, sintoma e angústia, para fazer com que através do amor de transferência, possa fazer trabalhar isso, essa dimensão do amor, para fazer com que algo do gozo condescenda ao desejo, e a partir daí, nos diversos tempos de uma análise, fazer sua escritura.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. Inibição, Sintoma e Angústia, 1926, Rio De Janeiro. Editora Imago, 1991, volume 20.

FREUD, S. O Pequeno Hans, 1909, Rio De Janeiro. Editora Imago, 1975, volume 10.

LACAN, J. O Seminário 10 : A Angústia. Rio De Janeiro. Editora Jorge Zahar
HARARI, Roberto. O Seminário “A Angústia” de Lacan : Uma Introdução. Porto Alegre, Artes e Ofícios Ed., 1997.

RABINOVICH, Diana. O Desejo Do Psicanalista : Liberdade e Determinação em psicanálise, Rio De Janeiro, Editora Companhia De Freud, 2000.

RABINOVICH, Diana. A Angústia E O Desejo Do Outro. Editora Companhia De Freud, 2005.

VEGH, Isidoro. A Angústia e a Orientação do Sujeito. Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre, 2009

Lapsis Calame Revista De Psicanálise, Buenos Aires, 2013, Letra Viva Editorial.